



GT- ESPECIAL

ISSN 2177-3688

NOTAS SOBRE O USO DA NARRATOLOGIA NOS ESTUDOS SOBRE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

NOTES ON THE USE OF NARRATOLOGY IN STUDIES ABOUT INFORMATION AND MEMORY

Luis Fernando Massoni – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Valdir Morigi – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este estudo objetiva refletir sobre possibilidades de apropriação do método da narratologia nos estudos sobre informação e memória. A narratologia é um método de estudo oriundo e tradicionalmente utilizado no campo das Letras, especialmente nos estudos literários, mas também utilizado para análise de narrativas propagadas em diversos meios de comunicação. O método propõe a análise de narrativas a partir da observação de sua estrutura, constituída pelos elementos: enredo, personagem, espaço, tempo e narrador, além do tema. Este é um estudo qualitativo, exploratório e bibliográfico, que aproxima os conceitos de informação, memória e narrativa, apresenta o método da narratologia e retoma estudos anteriores que o utilizaram na Ciência da Informação. Os resultados apontam que são escassos os estudos na área que utilizam a narratologia, sendo analisadas tanto narrativas ficcionais como reais. Essas pesquisas usam o método para estudar fenômenos como representações sobre personagens, memórias de cidades, identidade e comportamento de personagens. Os gêneros textuais incluem desde histórias em quadrinhos e animês até músicas e aplicativos de celular. Conclui que o método é válido nos estudos sobre informação e memória ao possibilitar observar de que modo as histórias são narradas por meio de categorias entrelaçadas que dão coesão interna à narrativa.

Palavras-chave: narratologia; informação e narrativa; informação e memória.

Abstract: This study aims to reflect on possibilities of appropriating the narratology method in studies on information and memory. A narratology is a method of study originating and traditionally used in the field of Letters, especially in literary studies, but also used for analysis of narratives propagated in various means of communication. The method proposes the analysis of narratives from the observation of their structure, constituted by the elements: plot, character, space, time and narrator, in addition to the theme. This is a qualitative, exploratory and bibliographical study, which approximates the concepts of information, memory and narrative, presents the narratology method and resumes previous studies that used it in Information Science. The results indicate that there are few studies in the area that use narratology, analyzing both fictional and real narratives. These researches use the method to study phenomena such as representations about characters, memories of cities, identity and behavior of characters. Text genres range from comics and anime to music and mobile applications. It concludes that the method is valid in studies on information and memory as it makes it possible to observe how the stories are narrated through intertwined categories that give internal cohesion to the narrative.

Keywords: narratology; information and narrative; information and memory.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação, como campo de estudos relativamente novo e interdisciplinar, importa métodos de pesquisa tradicionalmente utilizados em outras áreas. Nos estudos sobre informação e memória, especificamente, é comum vermos a área adotando métodos consagrados na Comunicação, na História, na Sociologia e na Antropologia, como a história oral, a análise do discurso e a análise de conteúdo. Essas são opções que dão conta de cercar para análise os objetos de estudo abordados nas pesquisas sobre informação e memória, mas a busca por novos métodos deve sempre ser incentivada, pois amadurece a área do ponto de vista teórico e metodológico.

O binômio informação e memória é pensado em diferentes contextos e meios, desde os impressos aos digitais. Entendemos que a informação opera na memorização de fatos e de histórias socialmente compartilhadas, o que ocorre por meio da própria experiência dos sujeitos ou das narrativas produzidas, publicadas e/ou compartilhadas pelo grupo social, às quais são justamente nutridas por informações. Assim, informação e memória se articulam por meio de narrativas, às quais podem ser estudadas por meio da narratologia, método de estudo oriundo do campo das Letras, que propõe interpretar as narrativas por meio da observação da sua estrutura e dos elementos que as compõem.

Tendo isso em vista, este texto visa responder à questão: como o uso da narratologia pode contribuir com os estudos sobre informação e memória? Longe de uma resposta única e definitiva, objetivamos apontar possibilidades de apropriação do método, partindo da própria experiência dos autores e de estudos anteriores na Ciência da Informação. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e bibliográfico, que aproxima os conceitos de informação, memória e narrativa e apresenta o método da narratologia, apontando possibilidades de aplicação nos estudos sobre informação e memória. Para tanto, iniciamos com uma reflexão teórica sobre as relações entre informação, memória e narrativa.

2 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E NARRATIVA: APROXIMANDO CONCEITOS

A informação constrói sentidos e representações, sendo possível compreendê-la ao analisarmos os contextos socioculturais em que ela se faz presente, bem como as intencionalidades por trás dos sujeitos e de instituições que produzem e divulgam. A informação está nas notícias, nos discursos e também nas narrativas. Essas últimas são as

histórias contadas, balizadas na experiência, na memória e em outras informações. Ou seja, informação e memória são a força motriz da narrativa, que se apresenta na forma de um relato, concebido a partir de representações.

Em suas reflexões, Benjamin (1994) interpretou o ato de narrar a partir de um contexto de pós-guerra cercado por desesperança e devastação. A narrativa, nesse contexto, remetia a um passado idealizado, vislumbrado com esperança, representando uma visão nostálgica, onde a figura do narrador aos poucos desaparecia. A sociedade industrial e a sensação de aceleração do tempo, proveniente da automação, desagradavam Benjamin, que compreendia o romance e o texto jornalístico como informação, sendo essa responsável pela morte das narrativas. Para o autor, a experiência estava em declive devido à aceleração da vida, em parte decorrente da informação, que era esvaziada de conteúdos.

O caráter efêmero e objetivo da informação, desse modo, prejudicaria a narrativa, pois independeria da experiência (BENJAMIN, 1994). Segundo o autor, informação e narrativa entram em choque por diversos motivos: a informação é efêmera e a narrativa perpassa o tempo; a informação é objetiva e a narrativa é moldada pelo narrador; a informação é acompanhada de explicações e a narrativa as evita ao máximo. Mediada por informações, a narrativa seria menos densa e completa, pois apenas fruto da vivência (uma forma de interação mais superficial com o ambiente) – e assim, também, aprendemos a vivenciar o mundo através de informações, sem ter com ele a experiência própria.

Concordamos com o autor sobre a experiência, em vias de extinção, ser a matéria-prima da narrativa. Entretanto, a informação, da forma como a concebemos, não é necessariamente objetiva, pois não possui esse compromisso com a “verdade”. No campo das Ciências Humanas e Sociais, a concepção de “verdade” é questionada, pois as práticas humanas são sempre movidas por intencionalidades que lapidam qualquer história narrada. A própria Ciência da Informação já há algum tempo que superou a concepção de informação como algo dado e objetivo, compreendendo-a como um constructo social.

Do ponto de vista da memória, esta possui um caráter imaginativo que lhe é inerente, pois realizamos uma leitura mental de nossas experiências, às quais atribuímos significados de acordo com nossos princípios e valores. Informação, memória e narrativa têm em comum o fato de sempre serem parciais, incompletas, por vezes incoerentes, mas não necessariamente erradas.

A partir da visão de Benjamin (1994), compreenderíamos que a informação, ao intensificar a impressão contemporânea de aceleração do tempo, impediria a possibilidade de experiências reais. Entretanto, é preciso ter em conta que nossa relação com o tempo não é necessariamente linear e objetiva. Conforme Ricoeur (2012), o aspecto temporal da experiência humana marca toda narrativa, sendo o tempo responsável pelos sentidos atribuídos aos relatos. Para o autor, o tempo está presente no passado, devido às imagens de eventos que chamamos de lembranças; no futuro, graças às imagens de antecipação ou expectativas; e no presente, por meio da junção entre memória e expectativa. Ou seja, a narrativa é tecida pelo tempo do presente, a partir de nossas lembranças e impressões sobre o tempo passado e nossas expectativas com relação ao tempo futuro.

Os paradoxos que afligem nossa experiência humana do tempo vão mais além do caráter puramente linear e cronológico – ou antes cronométrico – do tempo. Eles acompanham toda tentativa de elaborar a relação dialética entre passado, presente e futuro, e a relação dialética entre parte e todo temporal (RICOEUR, 2012, p. 301).

A partir da perspectiva do autor, consideramos ser a informação um elemento crucial na construção da relação dialética responsável pelas narrativas. Podemos pensar, inclusive, que a memória se faz presente nas narrativas justamente porque elas são amparadas em informações. Para Morigi e Bonotto (2004), a informação presente em manifestações e produtos culturais está imbuída de subjetividade e afetividade. Nas palavras dos autores:

[...] a informação tem inscrito em si um percentual de afetividade e subjetividade, o que confere a ela um caráter subjetivo e afetivo, impedindo que tenha um caráter exclusivamente imparcial, isento e objetivo. Por esse motivo, na informação histórica está presente, por mais que os próprios historiadores digam o contrário, também a informação afetiva (MORIGI; BONOTTO, 2004, p. 148).

Assim, as informações não são necessariamente objetivas e neutras, podendo sim constituir narrativas que influenciam nossas representações sobre o mundo. As narrativas estão presentes em todas as culturas e em todos os tempos. O que pode variar é o formato como elas se apresentam: mitos, fábulas, contos, crônicas etc. Conforme Motta (2013), narrar é relatar eventos de nosso interesse por meio de um suceder temporal, sendo que a narrativa segue uma determinada ordem: início, meio e fim. As narrativas perfazem nossas vidas e nos envolvem, agindo sobre as representações de nós mesmos, daí que o estudo da narrativa também é o estudo de nossas memórias. Nas palavras do autor:

O homem narra: narrar é uma experiência enraizada na existência humana. É uma prática humana universal, trans-histórica, pancultural. Narrar é um metacódigo universal. Vivemos mediante narrações. Todos os povos,

culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construímos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados (MOTTA, 2013, p. 17).

A narração faz parte de nossas vidas e é suscetível às nossas vontades e desejos, orientados pelo olhar que lançamos sobre o mundo que nos cerca. No papel de narradores, produzimos silêncios e esquecimentos em nossas narrativas, lançando luz sobre certos aspectos do fenômeno narrado, em detrimento de outros, o que caracteriza a subjetividade das informações produzidas no ato narrativo. Conforme Barbosa (2003), a narrativa é formada por versões parciais da história, mantendo-se em tensão com a experiência. Memória e narrativa são representações, fragmentos da realidade, uma abordagem dentre as muitas possíveis sobre os fenômenos aos quais dizem respeito.

Nascimento (2007) apresenta uma importante contribuição teórica para pensar as relações entre informação e narrativa: ela defende que as informações que circulam nas mídias materializam-se como narrativas, produzem significação e constituem a rede midiática que perfaz as trocas simbólicas. O discurso midiático é formado por informações responsáveis por lhe garantir autoridade e credibilidade. Ou seja, o estatuto de “verdade” da informação é o que lhe tornaria valorosa para a comunicação, mesmo que ela seja editada:

[...] as informações não podem ser tomadas como dados isolados, passíveis de mediações ou atribuições de valores quantitativos, mas, antes, devem ser pensadas como micronarrativas que ao se concatenarem na cena midiática estabelecem determinadas significações, representativas de demandas já latentes nesse ambiente discursivo (NASCIMENTO, 2007, p. 5).

Na visão da autora, as informações interessam por comporem um modelo narrativo, sendo as trocas midiáticas realizadas pelas narrativas, em um contexto no qual só é possível informar devido à configuração narrativa da informação. Nesse sentido, entendemos que analisar informações produzidas em nossa sociedade é uma maneira de captar narrativas. Assim, a narração é uma prática de mediação informacional que, amparada na experiência, reforça ou enfraquece memórias socialmente compartilhadas. A partir disso, entendemos que, se as informações representam memórias e constituem narrativas, então é possível analisá-las como tal, sendo a narratologia, método de estudo das narrativas, passível de utilização em estudos sobre informação e memória.

3 METODOLOGIA DO ESTUDO

Este estudo se caracteriza como exploratório, pois propõe uma reflexão até então pouco explorada na Ciência da Informação brasileira, que é o uso da narratologia como método de pesquisa para estudos sobre informação e memória. Parte-se de uma abordagem qualitativa, na medida em que identifica e analisa a forma como a área vem se apropriando desse método, enfocando na observação das diferentes aplicações da narratologia em estudos já desenvolvidos, constituindo-se em uma pesquisa bibliográfica.

A coleta dos dados, operada por meio de pesquisa bibliográfica, consistiu em uma busca pelo termo “narratologia” junto à Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), sem limitação temporal e utilizando todos os campos de busca (título, palavras-chave, resumo, texto completo). A pesquisa foi realizada em junho de 2023 e obteve como resultado nove textos, publicados entre 2007 e 2021. Destes, quatro foram descartados por não serem estudos do campo da Ciência da Informação, mas de áreas como Letras e Comunicação. Optamos por manter os demais resultados, num total de cinco, mesmo que o foco de alguns não fosse especificamente a relação entre informação e memória, como foi possível observar após a leitura de seus resumos.

Com um *corpus* de pesquisa formado por cinco textos, procedemos à análise dos dados, que envolveu a leitura na íntegra dos documentos, objetivando identificar as diferentes formas de aplicação do método nos diversos contextos de estudo. Por meio da observação dessas nuances, foi possível apontar possibilidades de uso do método nos estudos sobre informação e memória, conforme exposto na próxima seção.

4 NARRATOLOGIA: OS USOS NOS ESTUDOS SOBRE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

A narratologia é um método de estudo das narrativas a partir da observação de sua estrutura. Sua origem e uso costumeiro ocorrem nos estudos literários, mas suas aplicações são as mais variadas possíveis, pois as narrativas não se encontram apenas nos livros, mas em todas as instâncias de nossas vidas. A narratologia não se interessa apenas pela análise de narrativas literárias, pois, conforme Reis (2006), desde seus primórdios, na década de 1960, seu escopo já incluía a análise de diversos campos, dentre os quais o cinema, o relato de imprensa, o mito, a publicidade e a narrativa policial. A interdisciplinarização dos estudos narrativos é entendida pelo autor como uma requalificação do método, que se viu aplicado em diferentes contextos, dando origem a estudos sobre narratologias cognitivas, narrativas em linguagem natural, narratologias feministas, narrativas midiáticas etc.

O objetivo da narratologia, conforme Motta (2013), é compreender como construímos de modo intersubjetivo os nossos significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade, caracterizando-se como um método de análise de práticas culturais. Segundo o autor, as narrativas devem ser estudadas para entendermos quem somos, a partir de nossas percepções; para verificarmos como discursos narrativos representam o real e o irreal, seja nas narrativas literárias ou historiográficas; e para entendermos de que modo indivíduos e sociedades atuam perante o consensual e o excepcional, tornando o não-familiar em familiar.

Assim, o estudo das narrativas nos permite entender de que modo memórias são enquadradas a partir da mediação de informações que reforçam representações sociais acerca dos fenômenos narrados. Essas representações constituem nossas visões de mundo e estão presentes nas memórias individuais, que se articulam com as memórias dos grupos sociais dos quais fazemos parte, nunca esquecendo que a memória sempre está aberta à dialética entre a lembrança e o esquecimento e entre o real e o imaginado.

As narrativas contam uma história, constituindo-se por um suceder de fatos que ocorre em um tempo definido, com personagens definidas, em um determinado lugar, refletindo sempre um pano de fundo. Elas são formadas por uma série de elementos coerentemente articulados, o que dá o sentido desejado pelo narrador. Conforme Motta (2013), a análise empírica de narrativas requer alguns movimentos, que apresentamos a seguir:

- a) compreender a *intriga*: analisar como o *enredo* organiza as partes, compreendendo os encadeamentos básicos e os contornos da narrativa. Observar recursos de linguagem, como hipérboles, metáforas, comparações e ironias, além de recursos visuais, como mapas, gráficos e fotos. Identificar conflitos dramáticos de teor político, psicológico, religioso ou ideológico. Compreender como o narrador se posiciona perante o tema retratado, sua visão e os enquadramentos que realiza;
- b) compreender a *lógica da narração*: perceber de que modo as partes se articulam na narrativa em seu contexto comunicativo, como um projeto dramático constituinte de uma realidade. Observar ações, tensões, surpresas, clímax, um começo, meio e fim, embora nem sempre as narrativas apresentem uma lógica, rompendo com a linearidade;

- c) identificar os *episódios*: eles são unidades temáticas intermediárias, coesas e que relatam ações relativamente autônomas, abrangendo transformações e progressões no transcorrer da história, sempre conectadas ao todo;
- d) perceber o *conflito dramático*: eles são o enquadramento, a perspectiva ou o ponto de vista pelo qual o narrador narra. Os conflitos (psicológicos, interpessoais, políticos, ideológicos) revelam interesses contraditórios, rompimentos de equilíbrio ou estabilidade, gerando tensões;
- e) analisar as *personagens*: são elas que realizam os enfrentamentos, assumem um tipo, traços singulares que caracterizam certos sujeitos arquétipos, às vezes fortalecendo estereótipos. Importante compreender porque uma personagem possui qualidades e defeitos e porque de suas atitudes;
- f) identificar as *estratégias argumentativas*: a narrativa nunca é ingênua e neutra, sendo fundamentada na argumentação e movida por propósitos. É necessário perceber o uso intencional de recursos linguísticos, identificando marcas e pistas que evidenciem a estratégia do narrador e os jogos de poder;
- g) identificar as *metanarrativas*: a narrativa é circunscrita em um fundo ético e moral, atrelado a questões culturais anteriores à narrativa e que a influenciam. As narrativas revelam mitos que habitam nossas metanarrativas culturais (o crime não compensa, a nação é soberana, o trabalho enobrece etc.). Trata-se do pano de fundo em que se desenvolve o enredo sobre determinado assunto.

Para Gancho (2002), a estrutura que compõe as narrativas é formada por cinco elementos fundamentais. Há um *enredo*, com um conjunto de fatos narrados na história, também chamado de ação, intriga, tema etc. Esse enredo é vivenciado por *personagens*, responsáveis por fazer a ação descrita – pode-se dizer que eles dão “vida” à narrativa. Eles podem ser seres humanos ou outros animais, além de coisas/objetos, que são definidos pelo que fazem ou falam, apresentando características físicas, sociais, psicológicas, ideológicas e morais. Essas personagens atuam em um determinado *espaço*, que é o cenário onde as ações transcorrem, situando as personagens e se relacionando com elas. Tudo isso ocorre em um determinado *tempo*, o que engloba a época em que a história ocorre, sua duração, as relações entre passado, presente e futuro e as percepções do tempo, englobando tanto a cronologia como o tempo psicológico. Por fim, tudo é narrado por um *narrador*, que é o elemento estruturador da história, seja em primeira ou terceira pessoa.

Além desses elementos citados pela autora, também há o *tema*, que expressa a ideia sobre a qual a história é desenvolvida. Dentro do tema, há o *assunto*, que é a forma como o tema é desenvolvido, ou seja, sua concretização na narrativa (GANCHO, 2002). Obviamente, esses elementos são pensados para dar conta de narrativas literárias, que são a forma estudada pela autora. Na prática, a aplicação dessas categorias deve respeitar as necessidades e especificidades das narrativas que se propõe estudar, requerendo alterações para que o método melhor assimile o contexto estudado, pois o método deve se adequar aos dados analisados, e não o contrário. Na visão de Motta (2013), ao fazermos uso da narratologia, não devemos nos engessar pelos rigores de propostas formais ou consolidadas da literatura, muito menos ter receio de inovar e criar metodologias diferentes. Assim sendo, a narratologia pode servir como base para o delineamento metodológico de estudos sobre os mais variados fenômenos, dentre os quais, as relações entre informação e memória.

Na teoria que propõe à narratologia, Motta (2013) apresenta algumas instâncias de análise pragmática de narrativas, que guiam a análise de aspectos como os recursos de linguagem utilizados (metáforas, comparações, ironias, exclamações etc.) e as metanarrativas que permeiam as histórias narradas (panos de fundo dos discursos). A observação desses elementos permite um olhar mais aprimorado a respeito das possíveis intencionalidades por trás da produção das narrativas.

Este estudo tem como objetivo refletir sobre as possibilidades de apropriação do método da narratologia nos estudos sobre informação e memória, no âmbito da Ciência da Informação. Para tanto, procedemos com uma pesquisa bibliográfica na BRAPCI, onde, após aplicados os critérios descritos na seção metodológica deste estudo, obtivemos os resultados escritos no Quadro 1. No quadro, indicamos a referência de cada texto, bem como a forma de utilização do método, enfocando na observação de quais elementos constituintes das narrativas foram estudados e/ou enfocados, de acordo com o contexto de cada estudo.

Quadro 1 – Resultados da Busca Bibliográfica pelo Termo “Narratologia” na Brapci.

Referência	Abordagem adotada
MASSONI, L. F. H. <i>et al.</i> As narrativas da cidade no aplicativo porto alegre guide. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 27, n. 1, 2017.	Usa o método observando as categorias enredo, episódios, cenários, personagens e sequências cronológicas. Não faz distinção entre tema e enredo, analisando o primeiro como uma parte do segundo.
MORIGI, V. J.; KUSSLER, N. F.; MASSONI, L. F. H. Bibliotecários em animês: representações ficcionais e realidade. Informação &	Análise dos temas, enredos, ambientes, tempos e personagens das narrativas. O foco recai sobre os personagens (bibliotecários), em que são observadas características físicas, psicológicas e sociais. Tal

Informação, Londrina, v. 22, n. 3, p. 320-345, 2017.	enfoque ocorre por ser este o tema central do estudo (representações sobre bibliotecários).
MASSONI, L. F. H.; MORIGI, V. J. Cidade informacional e identidade: o porto alegre narrado no foursquare. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 28, n. 1, 2018.	Destaca as relações entre narrativas e identidade, usando o método para investigar a identidade do porto alegre, percebendo representações, enquadramentos e estereótipos. Analisa os outros elementos, mas de forma menos aprofundada.
RAMOS, R. B. T.; DUMONT, L. M. M. O cotidiano dos super-heróis e protagonistas de histórias em quadrinhos em tempos de pandemia: representação social entre o mundo da ficção e o mundo real. Liinc em revista , Rio de Janeiro, v. 16, 2020.	Analisa enredo, personagem, tempo, espaço e narrador nos textos e nas ilustrações presentes nas histórias. O foco da análise são as ações, posturas e decisões dos personagens no que se refere aos cuidados, prevenção e manutenção da saúde durante a pandemia de COVID-19.
MORIGI, V. J. Memória, cidade e narrativa musical: as lembranças do “meu pequeno cachoeiro”. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-13, 2020.	Aplica o método na caracterização do cenário, episódios, sequências temporais, enredos e personagens.

Fonte: dos autores, 2023.

Como podemos observar, os diferentes estudos se apropriam de formas variadas da narratologia na análise de seus dados. Todos adotam as categorias, mas as adequam de acordo com cada contexto ou utilizam um termo variante para se referir ao mesmo elemento: o tempo é também chamado de sequência cronológica ou temporal; o espaço também é chamado de cenário ou ambiente; o narrador é analisado como categoria em alguns estudos e em outros não; na maioria das pesquisas, o tema é analisado como um elemento constituinte da categoria enredo. É importante observarmos estas nuances, não com o intuito de selecionar um padrão de aplicação do método, mas para percebermos as largas possibilidades de abordagem que ele possibilita.

É importante destacar que, embora apresente uma estrutura pré-estabelecida de categorias de análise, o uso da narratologia não precisa se limitar a essas categorias e nem forçar os dados a darem conta de preencher todas elas. Isso porque é no cotejo dos dados, identificando como eles se apresentam, que percebemos as necessidades da pesquisa. Assim, se está em análise uma narrativa que possui poucas informações temporais ou não indica referências a lugares ou é difícil caracterizar seu narrador, isso não é um impeditivo para o uso da narratologia. Tanto é que, dentre os cinco trabalhos analisados, três utilizaram a narratologia especificamente para analisar personagens, embora também tenham feito apontamentos sobre os demais elementos.

Na prática, essas categorias auxiliam bastante o pesquisador na forma de apresentação dos dados, o que pode ocorrer em um quadro contendo essas categorias ou

por meio de um conjunto de parágrafos para cada uma, ou ainda com divisões do texto em subseções. Além das categorias de análise, é válido observar o fluxo informacional e os demais elementos que constituem as narrativas, tais como ilustrações, mapas, fotos, gráficos etc., pois eles também possuem informações que podem ser úteis.

O uso da narratologia nos estudos sobre informação e memória, se comparado com métodos mais comumente usados, como análise de conteúdo e análise do discurso, possui o diferencial de facilitar a compilação e organização dos dados. Se considerarmos que as categorias não são estanques, entendemos que há liberdade de criação a partir delas, característica marcante da análise de conteúdo, que também propõe a criação de categorias. As categorias da narratologia evidenciam o que é lembrado na narrativa, mas como a memória também é constituída de esquecimentos, é fundamental que os tensionamentos sejam levantados a todo momento, indagando sobre o que é esquecido e os possíveis motivos e interesses por trás desses esquecimentos. O mais importante, no uso do método, é realizar uma análise transversal dos dados, identificando de que modo todos os recursos visuais, ideologias e diferentes categorias compõem uma história coesa, produzida com uma determinada intencionalidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios de uma pesquisa, o delineamento metodológico influencia diretamente a forma de cercar o objeto para análise. A narratologia permite perceber que as narrativas são constituídas por elementos que, quando articulados, contam uma história coesa sobre o fenômeno narrado. O método é válido nos estudos sobre informação e memória ao possibilitar observarmos de que modo as histórias são narradas na tessitura do presente, por meio de informações que rememoram acontecimentos, pessoas e lugares.

A partir dos resultados da busca bibliográfica, percebemos que são escassos os estudos na área de Ciência da Informação que fazem uso da narratologia, sendo analisadas tanto narrativas ficcionais como reais. Essas pesquisas aplicaram o método para estudar fenômenos como representações sobre personagens, memórias de cidades, identidade e comportamento de personagens. Os gêneros também variaram desde histórias em quadrinhos e animês até músicas e aplicativos de celular. Destacamos que, em três dos estudos, o foco de análise foi a categoria personagens, sejam eles ficcionais ou reais.

É fundamental destacarmos que a narratologia propõe a organização dos dados a partir das categorias pré-estabelecidas, que são peças de um quebra-cabeça organizado de modo a produzir um sentido. Mas esse movimento não se encerra em si mesmo: com os dados sistematizados é que se inicia efetivamente a análise, que requer do pesquisador uma série de competências, que vão desde o entendimento dos sentidos atribuídos a cada elemento da narrativa até a interpretação das narrativas. Nesse processo, é fundamental observar as intencionalidades por trás de cada palavra empregada, as nuances da narrativa e a ideologia que acompanha cada fala ou ação narrada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marcio Ferreira. **Experiência e narrativa**. Salvador: Edufba, 2003.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

MORIGI, Valdir Jose; BONOTTO, Martha Eddy Krummenauer Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004.

MOTTA, Luis Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília, DF: Editora UnB, 2013.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **A informação como narrativa: mídia e troca simbólica**. 2007. 101 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

REIS, Carlos. Narratologia(s) e teoria da personagem. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 26-36, jan./jun. 2006.

RICOEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 125, p. 299-310, jun. 2012.